

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

ENCONTROS DE LEITURA SOBRE A MORTE E O MORRER

Profa. Franciele Roberta Cordeiro



CRONOGRAMA

- **26/02 - 07/05:** História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos tempos", de Philippe Ariès (2017);
- **21/05 - 01/10:** O nascimento do cemitério: lugares sagrados e terra dos mortos", de Michel Lauwers (2015)
- **15/10 - 26/11:** Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas", de Susan Sontag (2007)



Vai ter atestado?

**PARA QUEM PRECISAR, SIM! – 75%
PRESENÇA**

Quem integra o NUCCRIN (com registro no CNPq) –
atividade da linha de pesquisa.



OBJETIVO

- Discutir os aspectos históricos, sociais e culturais que envolvem os rituais em torno do morrer e da morte.
- Discutir as representações e significados atribuídos ao adoecimento pela tuberculose, o câncer e a AIDS.

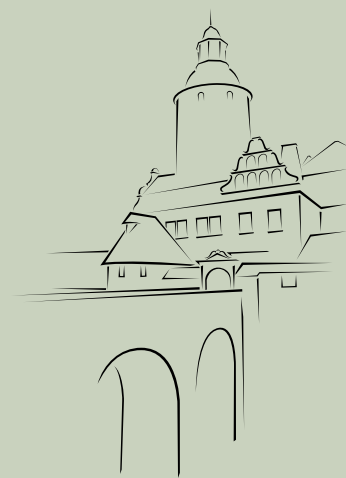


Livro 1. História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos tempos

Sobre o autor:

- Philippe Ariès (1914–1984);
- Blois – França;
- Jornalista e Historiador medievalista;
- *História social da criança e da família.*





Alta IM (Século V - X)

Idade Média

(Século V -XV)



Baixa IM (Século XI - XV)

PARA CONTEXTUALIZAR

- O autor recorre a documentos históricos, livros, quadros, esculturas, lápides, etc.
- Interpretação e análise.

Iniciando.....

I. A morte domada

- Mudanças lentas, sensibilidade para perceber as mudanças;
- Como morriam os cavaleiros medievais (romances da época)?

"Não se morre sem se ter tido o tempo de saber que se vai morrer (p.28)".



I. A morte domada

- "Observemos que o aviso era dado por signos naturais ou, ainda, com maior frequência, por uma convicção íntima, mais do que por uma premonição sobrenatural ou mágica (p.31)";

"[...]Uma moça muito jovem, bonita, coquete, amante da vida e dos prazeres é acometida pela doença. Irá ela, com cumplicidade dos que a rodeiam, apegar-se à vida desempenhando um papel, fingindo que não se dá conta da gravidade de seu estado? **NÃO. Revolta-se. Contudo, essa revolta não toma a forma de uma recusa da morte [...] (p. 31)**".



I. A morte domada

- Madame Montespan: medo de não ser avisada a tempo (para tomar as providências) e de morrer só (p.32);
- "Sabendo de seu fim próximo, o moribundo tomava suas providências (p.34)".

"Despoja-se de suas armas, deita-se sabiamente no chão; deveria estar no leito (p.34)".



I. A morte domada

Os últimos atos... (p.35-37)

- Lamento/Súmula da vida (exame do que eu fiz);
- Controle da emoções;
- Perdão dos companheiros no leito de morte;
- Extrema-unção: meio religioso.

"[...] Essa emoção não dura – como, mais tarde, o luto dos sobreviventes. É um momento de ritual (p.35)".



I. A morte domada

"Algumas conclusões gerais"... (p.37)

Kalotanásia (hoje)

1. A morte esperada no leito;
2. Morte: cerimônia pública organizada pelo moribundo;
3. Cerimonial simples e sem excesso de emoções.

"[...] Levavam-se as crianças – não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças (p.37)".



I. A morte domada

"A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima , por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome (p.38)".

Morte domada



Morte selvagem



I. A morte domada

- Apesar da **familiaridade com a morte**: medo dos mortos;
- **Cemitérios**: inicialmente – fora das cidades, próximo de basílicas (monges);
- Desenvolvimento das cidades – não há mais diferença entre igreja e cemitério:
 - "Os mortos, já misturados com os habitantes dos bairros populares da periferia, que se haviam desenvolvido em torno das abadias, penetravam também no coração histórico da cidades (p.41)."



I. A morte domada

"Os defuntos mais ricos eram enterrados no interior da igreja, não em jazigos abobadados, mas diretamente na terra, sob as lajes do chão; seus despojos tomavam também um dia o caminho dos ossários. Não se tinha a ideia moderna de que o morto deve ter uma casa só para si, da qual seria o proprietário perpétuo – ou pelo menos o locatário por muito tempo (p.44)"



Ossos



**Perto dos santos ou na
igreja**



I. A morte domada

Cemitério

- "tornou-se um local de encontro e reunião como o Foro Romano, a Piazza Major ou o Corso das cidades mediterrâneas, um local destinado ao comércio, à dança e aos jogos, simplesmente pelo prazer de se estar junto (p.45)".



II. A morte de si mesmo

- Preocupação com a particularidade de cada indivíduo (p.48);
 - Transição do coletivo para o individual
- Juízo final – no final dos tempos;
- Juízo final – final de cada vida;
- Temas macabros e decomposição física;
- Personalização das sepulturas.



II. A morte de si mesmo

A representação do juízo final (p.49)

- Os mortos pertenciam à Igreja e a ela haviam confiado seu corpo;
- Não há responsabilidade individual;
 - "Os maus – aqueles que não pertenciam à Igreja – não sobreviveriam à sua morte, não despertariam, sendo abandonados ao não ser (p.49)".



II. A morte de si mesmo

A representação do juízo final (p.50)

- A balança da prestação de contas na porta da eternidade:
 - "O momento em que se encerra essa balança não é o momento da morte e sim o *dies illa*, o último dia do mundo no final dos tempos (p.50)".



II. A morte de si mesmo

Cristo sentado no trono do juiz com
sua corte (p.50)



VIDA ALÉM DA MORTE

Conexão entre a morte e o final
dos tempo

BIOGRAFIA INDIVIDUAL

Concluída no final dos tempos e não
na hora da morte

II. A morte de si mesmo

No quarto do moribundo (p.51)

- Maneiras de **bem morrer** – "artes moriendi"
- **Iconografia:** leito de morte
 - " A grande reunião que nos séculos XII e XIII tinha lugar no final dos tempos se faz, então, a partir do século XV no quarto do enfermo (p.51)".
- **Deus: testemunha das interpretações**
 - "Deus e sua corte estarão presentes para constatar como o moribundo se comportará no decorrer da prova que lhe é proposta antes de seu último suspiro e determinará a sua sorte na eternidade (p.52)".



II. A morte de si mesmo

No quarto do moribundo



- **Morte e biografia de cada vida particular**

- "Acredita-se, a partir de então, que cada homem revê sua vida inteira no momento em que morre, de uma só vez. Acredita-se também que sua atitude nesse momento dará à sua biografia seu sentido definitivo, sua conclusão (p.54)."

- **Assim:**

- "Mesmo persistindo até o século XIX, a solenidade ritual da morte no leito tomou, no fim da Idade Média, entre as classes instruídas, um caráter dramático, uma carga de moção que antes não possuía. [...] Reforçou o papel do moribundo nas cerimônias de sua própria morte (p.55)."

II. A morte de si mesmo

O cadáver decomposto



- "O horror à morte física que o cadáver poderia significar encontra-se totalmente ausente nos testamentos, o que permite supor que também, não estava presente na mentalidade comum (p.56)".
 - **A decomposição é o sinal do fracasso do homem, e neste ponto reside, sem dúvida, o sentido do macabro, que faz desse fracasso um fenômeno novo e original (p.56)".**

II. A morte de si mesmo

O cadáver decomposto



"O homem do fim da Idade Média, ao contrário (do atual), tinha uma consciência bastante acentuada de que era um morto em suspensão condicional, de que esta era curta e de que a morte, sempre presente em seu âmago, despedaçava suas ambições e envenenava seus prazeres. Esse homem tinha uma paixão pela vida que hoje nos custa compreender, talvez porque nossa vida tenha se tornado mais longa (p.59)".

"A morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo"

II. A morte de si mesmo

As sepulturas

- **Individualização das sepulturas (p.59)**
 - "As inscrições funerárias são inumeráveis. São geralmente numerosas no começo da época cristã. Significam o desejo de conservar a identidade do túmulo e a memória do desaparecido (p.60)".
- **Defunto:** representado sobre o túmulo – jazendo e orando



II. A morte de si mesmo

As sepulturas



"No século XIV, levará o realismo ao ponto de reproduzir uma máscara modelada pelo rosto do defunto. Para uma certa categoria de personagens ilustres, clérigos ou leigos – os únicos que possuíam grandes túmulos esculpidos – passou-se então do completo anonimato à inscrição curta e ao retrato realista (p.61)".

II. A morte de si mesmo

As sepulturas



"No século XIII, ao lado desses grandes túmulos monumentais, vemos multiplicarem-se pequenas placas de 20 a 40 cm de lado que eram aplicadas de encontro à parede da igreja (no interior ou no exterior) ou de encontro a um pilar. [...] Essas placas traduzem a vontade de individualizar o lugar da sepultura e de perpetuar nesse local a lembrança do defunto (p.62)".

II. A morte de si mesmo

As sepulturas



"A partir do século XI, estabeleceu-se uma relação, até então desconhecida, entre a morte de cada indivíduo e a consciência que este tomava de sua individualidade. [...] Desde meados da Idade Média, o homem ocidental rico, poderoso ou letrado reconhece a si próprio em sua morte – descobriu a morte de si mesmo (p.63)".

Próximo encontro...



A morte do outro, A morte
interdita e conclusão da
primeira parte
(p.63 – p.99)